

(RE)PENSANDO TARTESSOS: UMA NOVA SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA ENTRE A HISTÓRIA E A ARQUEOLOGIA

(RE)THINKING TARTESSOS: A NEW BIBLIOGRAPHIC SYNTHESIS BETWEEN HISTORY AND ARCHAEOLOGY

Rodrigo Araújo de Lima*

Resumo

Neste artigo apresentamos uma discussão sobre o que se denominou Tartessos. Para isso, articulamos as fontes primárias, a historiografia moderna e principalmente a compulsão da bibliografia pautada no registro arqueológico. Objetivamos, deste modo, cotejar a falta de consenso entre os especialistas, com a intenção de jogar luzes à essa cultura histórica. Tartessos foi considerada por vezes uma cidade, um rio ou até mesmo uma região. Tartessos ou Tarshish fez parte significativa das fontes textuais clássicas e mais tarde dos “ecos” bizantinos. Próxima das Colunas de Hércules, nos confins do mundo conhecido à época.

Palavras-chaves:

Ibéria. Tartessos. Tarshish. Arqueologia. História. Síntese.

Abstract

In this article we present a discussion about what was called Tartessos. For this, we articulate the primary sources, the modern historiography and, mainly, the compulsion of the bibliography based on the archaeological record. In this way, we aim to compare the lack of consensus among specialists, with the intention of shed light on this historical culture. Tartessos or Tarshish was a significant part of the classical textual sources and later the Byzantine "echoes". Tartessos was sometimes considered a city, a river or even a region. Near the Pillars of Heracles, in the end of the known world at that time.

Keywords:

Iberia. Tartessos. Tarshish. Archaeology. History. Synthesis.

* Mestre e Doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) sob a orientação da Prof^{ra}. Dr^a. Maria Cristina Nicolau Kormikiari da mesma instituição e membro do *Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA)* e do grupo do CNPq *Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas (ARISE)*. E-mail: rodrigo.araujo.lima@usp.br.

As problemáticas sobre os tartésicos¹

Eu não queria a cornucópia de Amalteia,
Nem século e meio ser rei de Tartessos
(Anacreonte, *Geryoneis*, fragmento 8)

A descoberta de Troia, Micenas e Knossos, no final do século XIX por meio da análise das obras de autores clássicos encorajou o professor alemão Adolf Schulten a procurar a localização da cidade de Tartessos no sudoeste da Península Ibérica, civilizada pelos gregos e destruída pelos cartagineses. Por meio da leitura das fontes antigas, Schulten concluiu que a cidade mítica se localizaria em Cerro del Trigo, também conhecido como Doñana (DOMÍNGUEZ MONEDERO, 2007; PERICOT, 1969). Em 1926, o pesquisador realizou escavações arqueológicas no local comentado. No entanto, conseguiu apenas localizar um povoado de pescadores romanos. Mesmo assim o autor tentou, até o final de sua vida, defender sua hipótese (DOMÍNGUEZ MONEDERO, 2007; PERICOT, 1969).

Tomando por base o poema *Ora Maritima* de Rufo Avieno, Schulten elaborou uma visão insustentável sobre a Espanha Antiga. Ramón Menéndez Pidal, Martín Almagro Basch e Antonio García y Bellido (1952) afirmam que as interpretações desse pesquisador foram demasiadamente longe (1952). Domínguez-Monedero (2007 p. 230) nos recorda que a obra do professor Schulten teve validade extraordinária pela sua tentativa em realizar um relato convincente com os preconceitos e conhecimentos de sua época sobre a história de Tartessos inaugurando o estudo sobre esse lugar mitológico.

Em *História de España* (1952), Menéndez Pidal, Almagro Basch e García y Bellido postulam a teoria de que Tartessos não parece ser outra coisa que não uma fundação dos tirsenos da Ásia Menor que por sua vez dariam origem aos etruscos históricos, fazendo com que os tartésicos também fossem um elemento

¹ O conteúdo desse artigo é parte da nossa dissertação de mestrado intitulada *As Colunas de Hércules/Melqart no final da Idade do Bronze: o uso do SIG na compreensão da expansão fenícia em território tartésico a partir de Gádir (séculos IX ao VI a.C.)* realizada no interior do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE-USP e orientada pela Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Nicolau Kormikiari. A pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e indicada para a publicação pela banca constituída pela Prof^a. Dr^a. Adriana Ramazzina (UNISA), pelo Prof. Dr. Claudio Walter Gomez Duarte (UNIMES) e presidida pela orientadora em 2018. Salientamos que os resultados ainda permanecem inéditos. Foram realizadas alterações no artigo visando atualizar o debate sobre essa temática.

estranho para a população autóctone da Idade do Bronze (MENÉNDEZ PICAL; ALMAGRO BASCH; GARCÍA Y BELLIDO, 1952; SCHULTEN, 1945).

As origens do termo *Tartessos* também se configuram como um enigma. Na obra de Pere Bosch Gimpera (1975) ainda ecoam resquícios das interpretações de Adolf Schulten (1945). Bosch Gimpera, um dos grandes nomes da Pré-história espanhola de seu tempo, em sua obra *Prehistoria de Europa: Las raíces pré-históricas de las culturas de Europa* (1975) afirma que *Tartessos* seria a versão helenizada do fenício *Turshas* e que mais tarde se chamariam turdetanos todos os habitantes do Vale do Guadalquivir (BOSCH-GIMPERA, 1975). Esse autor imaginou que o nome *Tartessos* fosse uma repetição da cidade lídia de Tursa.

Posteriormente Francisco Villar (1995) afirma que *Tartessos*, Τάρτησος, é uma variante helenizada do nome Taršiš, que aparece nas fontes bíblicas. Esse autor conclui afirmando que por mais que *Tartessos* seja a versão grega da forma nativa, não é seguro afirmar que este esteja isento da influência fenícia, visto que essa população semítica estava estabelecidos na Península Ibérica há vários séculos antes dos gregos (VILLAR, 1995).

Maria Eugenia Aubet em *The Phoenicians and the West: Politics, Colonies, and Trade* (2001) afirma que a mais antiga referência bíblica que trata sobre *Tartessos* se encontra nas crônicas do rei Salomão e Jeosafá. No primeiro livro dos reis, as famosas naves de Tarshish são mencionadas deixando a fronteira de Eziongeber em direção à Ofir na busca de ouro, prata, marfim, macacos e perus (AUBET, 2001). Tal como Maria Cristina Nicolau Kormikiari aponta (2004, p. 135) temos a epigrafia da Estela de Nora, encontrada na Sardenha que data do século IX-VIII a.C. que faz parte do *Corpus Inscriptionum Semiticarum* (CIS, I, n. 144).

Encomendada por LKTBNB ŠBNNGD LPNY (tradução: Milkaton filho de Shubna, general de Pumay), a estela traz a transcrição em fenício BTRŠŠ (tradução: em Tarshish/em *Tartessos*?). No entanto, não é possível saber se essa inscrição se refere a um lugar na Ibéria. Contudo, a Estela de Nora traz a primeira menção sobre a Sardenha como BŠRDNŠ (tradução: na Sardenha). Como veremos adiante existe um debate sobre a questão de Tarshish como sendo *Tartessos*. Como salienta Kormikiari (2004). Tarshish poderia designar

um tipo de navio, uma posição geográfica, um topônimo ou uma pedra preciosa ou semi-preciosa.

A aproximação linguística entre Tarshish e Tartessos gerou mais problemas do que soluções. Enquanto alguns pesquisadores aceitam o nome bíblico como sendo uma variante de um empréstimo acádio, que significa “lugar de fundição”, outros especulam que o termo é autóctone, sendo a palavra ‘trt’, talvez o nome original do rio Guadalquivir. Há ainda grande especulação acerca das origens do nome ‘Tartessos’, todavia, o termo poderia ser aplicado tal como se utiliza ‘El Dorado’ para se referir à um local de riquezas sem-fim, lugar idealizado onde os metais preciosos podem ser pegos na superfície da terra (TREUMANN, 1992). Essa visão é similar ao mito medieval do ‘País da Cocanha’ onde também se faz referência a uma terra de abundâncias, onde tudo poderia ser conseguido sem esforço.

Em sua obra *Tartessos*, Mariano Torres Ortiz (2002) aponta a cronologia como um dos elementos indispensáveis para se entender Tartessos. Com a chegada dos fenícios, é inquestionável a assunção de que Tartessos mudou. No entanto, Ruiz Mata (2000) afirma que não se pode falar em Tartessos a partir do contato com os fenícios, sendo necessário considerar o tempo e a interação entre as populações - processo que culminaria no que o autor considera aculturação. Tal como afirma Monedero et al. (2007), é preferível a aplicação do conceito de tartésico no período posterior após a chegada fenícia.

Eduardo Sánchez-Moreno, no volume dois da obra *História de España. Protohistória y Antigüedad de la Península Ibérica. La Iberia prerromana y la romanidad* (2008), nos lembra do caráter patriótico dos escritos que tratavam sobre os povos iberos. Considerados os *primeros españoles*, como nos lembra o autor, os iberos foram interpretados como fruto de imigrações africanas. Sánchez-Moreno afirma que por mais que as obras de Adolf Schulten (1945) e Pere Bosch Gimpera (1975) tenham sido fundamentais, o paradigma invacionista (i.e. as ondas de imigrações africanas enquanto produtoras das culturas ibéricas) foi superado. O autor conclui admitindo que a cultura ibérica, não é mais que a soma de processos regionais de populações que se desenvolveram ao longo da Idade do Ferro (SÁNCHEZ-MORENO; DOMÍNGUEZ MONEDERO; GÓMEZ-PANTOJA, 2008).

As descrições das fontes primárias

O geógrafo grego Estrabão (*Geografia*, 3.2.11) declara que os antigos conheciam o rio Guadalquivir, o Grande Rio, sob o nome de Tartessos, por outro lado, o escritor romano Rúfio Avieno (*Ora Maritima*, 85) relata Tartessos como sendo uma rica cidade, protegida por muros e abastecida por um rio. Posteriormente, José María Blázquez Martínez (1969) cita o lexicógrafo bizantino Estevão de Bizâncio que identificou a localização de Tartessos como sendo nas proximidades do Estreito, numa região homônima.

Em suas impressões, Apiano (*História Romana*, 1.2) afirma que Tartessos seria uma cidade no litoral que em seu tempo era conhecida como Carpeusus. No entanto, não há consenso nas obras clássicas sobre a natureza de Tartessos, se seria uma região, um reino, uma cidade ou mesmo um rio.

Um dos mitos que trata sobre Tartessos, e insere essa cultura no imaginário mediterrânico, é notadamente o décimo trabalho de Hércules. O roubo dos bois de Gerioneu, gigante que vivia na ilha de Eritéia (a ilha vermelha), foi o décimo trabalho do semideus narrado por Peisândro de Rodes em sua obra *Heracleia* e um dos mitos que introduziu Tartessos não apenas na mitologia como na história do Mediterrâneo Antigo.

Virgem de Oceano, pela multiáurea Afrodite unida em amor a Aurigládio de violento ânimo, Belaflui pariu o mais poderoso dos mortais, Gerioneu, a quem matou a força de Hércules pelos bois sinuosos na circunfluida Eritéia. (Hesíodo, *Teogonia*, fragmento 980, tradução de Jaa Torrano, 1995).

Adriano Vasco Rodrigues em sua obra *Arqueologia da Península Hispânica: do paleolítico à romanização* (1961) faz interessantes relações simbólicas ao comentar sobre os reis de Tartessos. Esses reis se confundiriam entre história e mitologia, se tornando verdadeiras metáforas. Norax, neto de Gerioneu, segundo Pausânias (X, XVII.5) teria fundado a cidade de Nora² na Sardenha. Therón teria sido o mais antigo dos reis. Gágoris foi considerado o descobridor do aproveitamento do mel, anterior ao Neolítico (RODRIGUES, 1961) e Habis teria desenvolvido a agricultura, o que indicaria a passagem do caçador-coletor para o agricultor, durante o Neolítico. Esse último também teria formulado um sistema de leis em que proibia o trabalho do nobre, vedando-o à

² Considerada a mais antiga fundação fenícia na Sardenha, datando do século IX-VIII a.C.

guerra. Por fim Argantonio, ou Homem de Prata, teria sido o monarca que reinou sobre Tartessos por oitenta anos, vivendo cento e vinte, sendo o primeiro que se tem referências históricas por fontes gregas (Heródoto, *História*, I.163.2). Segundo as fontes clássicas, os foces, ao chegaram em Tartessos, fizeram amizade com Argantonio. Tamanho foi o vínculo entre tartésicos e gregos que o rei os convidou a deixarem a Jônia para se estabelecerem na Ibéria. Em outro trecho, ao saber que os medos aumentavam seu poder no Leste, teria financiado a construção de muralhas ao redor da Foceia (Heródoto, *História*, I.163.4).

Para Rodrigues (1961), os reis tartésicos seriam alegorias para representar eventos pretéritos muito recuados, tais como a origem da domesticação e da agricultura. No entanto, Rodrigues não dá prosseguimento a esse paralelo para épocas mais avançadas. Se continuarmos com essa concepção para analisar a representação do longevo Argantonio, o Homem de Prata – conhecido assim pelos gregos – podemos considerá-lo como uma alegoria que representa o desenvolvimento das técnicas metalúrgicas tartésicas e os benefícios que dela a elite de Tartessos pôde usufruir.

Em nossa dissertação de mestrado, discriminamos vários autores de diversos períodos que fizeram referência a Tartessos e aos tartésicos (cf. LIMA, 2018, p. 20 tabela 3). Como critérios para a concepção da tabela, principiamos com os primeiros relatos, vindos dos gregos, seguidos pelos romanos e posteriormente, em ecos tardios, como se refere Blázquez Martínez (1969, p. 94), de bizantinos. Os autores que foram compulsados ora se referem à Tartessos como região, rio, cidade ou raça. É possível perceber que os relatos se iniciam no século VI a.C. e perduram até o século XI d.C. Segundo Michael Dietler e Carolina López-Ruiz, Tartessos desapareceu no século VI a.C. (DIETLER; LÓPEZ-RUIZ, 2009). Assim devemos considerar, como sugerido por Aubet (2001), que a ideia construída sobre Tartessos surge quando essa cultura já havia evanescido e se transmutado enquanto uma cultura turdetana³.

³ Segundo Francisco José García Fernández (2004, p. 111), os turdetanos se encontram estreitamente vinculados a Tartessos. Se acredita que essa cultura seja uma continuação demográfica e cultural da tartésica. A maior parte das fontes textuais tratam sobre Tartessos no século VI a.C., a partir de um período em que se iniciam os primeiros relatos sobre os turdetanos. Para García Fernández, o termo Turdetania nasceu de uma interpretação da realidade étnico-geográfica que anteriormente se conhecia como Tartessos, no entanto, não sabemos se todos os términos fizeram referência ao mesmo fenômeno (2004, p. 115). Arqueologicamente Torres Ortiz (2014) enxerga uma mudança no registro arqueológico a partir do século VI a.C. Esse autor afirma que certos materiais cerâmicos desaparecem e outros

Em sua tese *A Lusitania e a Iberia: Um Estudo da Mudança na Urbanização Pré e Pós-Romanização*, Irmina Doneux Santos (2013) nos adverte também sobre a ideia de um grande progresso entre tartésicos. Para essa autora, a sofisticação de Tartessos provavelmente foi exagerada pelas fontes gregas (2013).

Do mesmo modo, devemos nos atentar quando nos deparamos com o conceito de pólis dado pelos gregos a Tartessos. Esse tratamento vem em momentos posteriores ao seu fim em que os tartésicos já eram uma lenda (AUBET, 2001).

O geógrafo e historiador grego Heródoto consegue estabelecer o sul da Península Ibérica como sendo a área de Tartessos. No mapa desenvolvido pelo Sir Edward Bunbury (1879) sobre o mundo conhecido, a partir da análise da obra *Histórias* de Heródoto, representa toda a área na οἰκουμένη mediterrânica (i.e., o mundo habitado). Posteriormente Estrabão (3.1.6) afirma que os turdetanos, herdeiros dos tartésicos, eram os mais cultos dos iberos, possuidores de escrituras e escritos históricos em prosa e poesia, que datam de mais de seis mil anos.

Como nos lembra Mariano Torres Ortiz, em sua obra *Tartessos* (2002), apenas um único autor se refere às cidades tartésicas, no caso, Hecateu de Mileto que viveu no século V a.C. Esse autor faz menção a duas cidades tartésicas nomeando-as como *Elibirge* e *Ibila*, ambas provavelmente localizadas no Vale do Guadalquivir (Torres Ortiz, 2002). No entanto, como afirma Blázquez Martínez (1969, p. 101), seria impossível de identificar a exata área onde essas fundações se encontrariam.

Pellicer Catalán (1976) nos relembra que há ainda a teoria de que Tartessos se situaria em Cádiz, interpretação essa que se encontra nos trabalhos

novos surgiram. Nesse processo, há elementos que se conservam, os centros continuam ocupados e parte de sua cultura material cerâmica e metálica prosseguem dentro da tradição tardo-orientalizante. No entanto, as atividades mineiras diminuem seu ritmo como acontece em Serranía de Huelva e no Cinturão Ibérico de Pirita e grandes peças de filiação oriental como queimadores de perfumes e jarros piriformes deixam de serem fabricados. Posteriormente, no século V a.C., os assentamentos agrícolas começam a desaparecer e é possível identificar um processo de concentração populacional nos *oppida*. Das práticas mortuárias turdetanas pouco foi identificado, aparentemente há um retorno às práticas do Bronze Final, a liturgia fenícia é abandonada e não há indícios arqueológicos dos enterramentos. Da língua turdetana nada restou, provavelmente pelo hábito herdado dos fenícios em escrever em papiro. No entanto, a toponímia recolhida de epígrafias e moedas, assim como da literatura grega e latina, documentam uma série de partículas no nome das cidades como os prefixos Ipo-, Ob-, Lac- e os sufixos -ipo-, -uba-, -oba. Na antroponímia é recorrente a identificação das raízes -Sis-, Boc-, Brocc- e Att-. (TORRES ORTIZ, 2014).

de Horozco (1598[1845]), Suárez de Salazar (1610) e Marqués de Mondéjar (1687) autores que seguem os relatos romanos de Avieno (*Ora Maritima*, 267-270), Plínio (*História Natural*, IV.120) e Salústio (*Fragmenta Historicorum Graecorum*, II.7).

As evidências arqueológicas

O uso da hinterlândia

Não é possível entender a evolução das culturas ibéricas sem que entendamos a importância do contato com os navegantes fenícios. As atividades inseridas por esse povo transformaram exponencialmente as estruturas indígenas da Península Ibérica. Os povos autóctones, concentrados nas terras altas ou em áreas passíveis de cultivo, não necessitavam de terras baixas ou dos bosques para o plantio, assim, pouco do ambiente florestal foi afetado pelas comunidades indígenas. As poucas análises paleoecológicas feitas no Sul da Península indicam que só houve um grande impacto ambiental no começo da Idade do Ferro com a introdução de nossas plantas advindas do Levante. Desse modo se identificou por análise de sementes que colheitas avançaram sobre os bosques, reduzindo a cobertura florestal, tornando o ambiente mais árido (BUXÓ, 2008).

As populações que habitavam o Sul da Ibéria durante o final da Idade do Bronze praticavam a pecuária como sua primeira atividade. A agricultura teria um papel secundário. No entanto, a prática agrícola seria realizada por grupos familiares organizados em grupos de parentesco mais amplo, como os clãs e as linhagens (WAGNER, 2006).

Em Castillo de Doña Blanca, há evidências de produção e comercialização do trigo dada a identificação de uma habitação, ou armazém, denominado *Casa Quemada*. Nesse sítio, foram encontrados dentro de uma ânfora turdetana T-11.111, trigo desnudo (*Triticum aestivum*) carbonizado, muito provavelmente queimado por um incêndio. Contudo, salientamos que esse achado advém do século V a.C., muito posterior ao estabelecimento fenício no litoral sul da Ibéria e logo após o desaparecimento de Tartessos, quando seus remanescentes são conhecidos como turdetanos (LÓPEZ ROSENDO, 2009).

Os assentamentos

Torres Ortiz afirma que alguns assentamentos possuíam muralhas com paredes largas, reforçadas por bastiões como nos casos do sítio de Niebla, Cabezo del Castillo de Aznalcóllar, Los Castrejones de Aznalcóllar, Carmona e Ategua. Torres Ortiz entende esse tipo de fortificação como um processo generalizado por toda Península Ibérica (2014).

Foram identificados importantes povoados tartésicos como os de Mesas de Asta, Cerro Salomón, Tejada la Vieja, Cruz del Negro, Colina de los Quemados, El Carambolo, Ategua, São Bartolomé de Almonte, Cerro de la Encina e Cástulo, esse último um importante núcleo indígena.

Sobre Mesas de Asta e Cerro Salomón, que datam do século VII-IV a.C.⁴, sabe-se que as paredes das casas eram levantadas com pedras sem esquadros, colocadas a seco. Já a pavimentação ora era de barro, ora de ardósia e parecia não ter ruas ortogonais. As casas, como atestam os autores, teriam apenas um cômodo (MONTENEGRO et al., 1998).

Em contrapartida Carlos González Wagner, em sua obra *Tartessos: Mito e Historia* (WAGNER, 2014), afirma que os assentamentos tartésicos remontam de finais do Bronze e eram mais povoados do que vilas ou cidades. Esses povoados seriam formados por cabanas de planta oval ou circular (como veremos adiante), escavadas no solo em poucas profundidades, com paredes e telhados de material vegetal coberto de barro (WAGNER, 2014).

Mariano Torres Ortiz em *Taršiš, Tartessos e Turdetania* (2014) afirma que por mais que as evidências sejam escassas é possível perceber uma certa hierarquia dos assentamentos. Havia lugares centrais, que estruturariam o tráfego dos metais desde as minas até o porto de Huelva. Ao seu redor, se dispormos pequenos povoados agrícolas ou pequenas granjas, fato que configuraria para o autor uma organização territorial protourbana (TORRES ORTIZ, 2014).

Enrique Díes Cusí em *La influencia de la arquitectura fenícia en las arquitecturas indígenas de la Península Ibérica (s. VIII-VII)*, informa que os povoados eram geralmente pequenos com exceção de alguns como Carmona e

⁴ No caso desses dois assentamentos é interessante notar que se iniciam no período tartésico (séculos VIII/VII a.C. ao VI a.C.) e prosseguem durante todo o período turdetano (VI a.C. ao II/I a.C.).

Setefilla, ambas defendidas por bastiões de grandes dimensões (2001, p. 90). Torres Ortiz explana que, ao longo do Bronze Final, ocorre um aumento demográfico e os pequenos assentamentos passam a ser ocupados muito mais intensamente (TORRES ORTIZ, 2014).

Castillo de Doña Blanca também se configura como um dos importantes assentamentos tartésicos de contato. Considerado como um enclave colonial por Torres Ortiz (2014, p. 278), Castillo de Doña Blanca possui um conjunto de casas do século VIII e VII a.C., que se adaptam no terreno por meio de terraços, denominados como parte do bairro fenício do assentamento (PACHÓN VIEIRA; MANZANO AGUGLIARO, 2005).

Segundo Domínguez Monedero (2012), a muralha que circula a cidade é uma construção do século VIII a.C., e foi destruída no contexto da Segunda Guerra Púnica. De acordo com essa cronologia, Pachón Vieira considera o assentamento como sendo de colonização fenícia arcaica do século VIII a.C (2005). Por outro lado, há autores como Carlos Gonzáles Wagner que consideram o assentamento como sendo tartésico (2014).

Acredita-se que a paisagem desse assentamento teria sido muito diferente na Antiguidade. Castillo de Doña Blanca se encontrava na desembocadura do Guadalquivir, o que segundo Pachón Vieira favoreceria o comércio principalmente com Gádir. Atualmente o mar se encontra a quase vinte quilômetros de distância (PACHÓN VIEIRA; MANZANO AGUGLIARO, 2005).

As habitações

Torres Ortiz afirma que, pela perenidade dos materiais orgânicos utilizados na construção das cabanas, o conhecimento sobre as habitações e a organização urbanística dos assentamentos tartésicos seguem ainda pendentes (2014). A continuidade de ocupações desses assentamentos se acrescenta como uma das dificuldades. Alguns, por exemplo, seguem ocupados até a atualidade, o que dificulta o acesso até os níveis estratigráficos do Bronze Final (TORRES ORTIZ, 2014).

Torres Ortiz esclarece que as cabanas descobertas são resultantes de assentamentos agrícolas em estruturas semisubterrâneas denominadas pela Arqueologia Espanhola como *fondos de cabañas*. Essas construções existiriam

desde o século XII-X a.C. anteriores à chegada dos fenícios e se estendem até o início da Idade do Ferro (LÓPEZ CASTRO, et al., 2017).

Essas estruturas, uma vez abandonadas, normalmente se tornavam uma área de descarte. Também se encontrou em outros assentamentos habitações mais sólidas com fundações de pedra e planta oval com tendência retangular junto a uma estrutura de combustão em forma trapezoidal ou retangular como se verificou em Ronda la Vieja-Acinipo (Málaga) e em Peñarrubia (Málaga) (TORRES ORTIZ, 2014). Lima postula que as técnicas construtivas fenícias foram adotadas pelos tartésios uma vez que houve a associação entre as elites principescas com os recém-chegados navegantes semíticos (2016).

Díes Cusí (2001) estabelece o período que vai do século IX a.C. ao VIII a.C., em que justamente não se observa alterações nesse tipo de construção e disposição. Referente a essa disposição, Wagner conclui que os edifícios eram dispostos sem uma organização clara e, até onde se sabe pelas escavações, não haveria uma distinção de área de atividades (WAGNER, 2006; WAGNER, 2014).

As necrópoles

Uma vez que as práticas mortuárias dos séculos X ao VIII a.C. não deixaram evidências no registro arqueológico, pouco se sabe sobre os costumes tartésicos antes do Período Orientalizante⁵. Acredita-se que o morto era entregue às águas o que explicaria a inexistência de estruturas funerárias (TORRES ORTIZ, 2014).

O que restaria desse processo seria o mobiliário funerário, geralmente formado por artefatos metálicos recuperado das águas, tais como espadas e fibulas, que o autor interpreta como um bem de prestígio utilizado pelas elites tartésicas, encontradas no depósito de la Ría de Huelva (Huelva), em Bornos (Cádiz), Bellavista (Setefilla) e Alhonor (Sevilha) (TORRES ORTIZ, 2014).

Torres Ortiz (2014) afirma que os ritos masculinos se caracterizariam pela presença de armas enquanto os femininos se relacionariam ao uso de joias. No entanto, sem a presença de material ósseo em associação com os artefatos, essa

⁵ Momento de maior intensidade entre os contatos fenícios com os povos autóctones ibéricos. Essa vinculação mais estreita resulta na adoção de todo um modo de vida (técnicas de fabrico, rituais sagrados, adoção de objetos dentre outros) originário do Mediterrâneo Oriental, mais especificamente da Fenícia, no Levante, e ressignificados para a realidade das comunidades indígenas da Ibéria.

interpretação se torna inconsistente. No Bronze Final se documentam cremações em urnas em Las Cumbres (Puerto de Santa María), Rabadanes (Las cabezas de San Juan) e em Ateagua (Córdoba). Nesse mesmo período também se verifica a prática de inumações em um enterramento encontrado em Veja de Santa de um indivíduo deposto em decúbito lateral em associação com cerâmicas de mesmo período (TORRES ORTIZ, 2014).

Em contrapartida, pode-se falar em necrópoles no Período Orientalizante. Pela riqueza de seus enterramentos é possível perceber um intenso contanto com os assentamentos fenícios e posteriormente púnicos.

As oficinas

Ao pensarmos em Tartessos se faz necessário também conjecturar o papel de Gádir e de outros assentamentos fenícios tais como Huelva, San Bartolomé de Almonte e Peñalos são alguns dos locais onde se documenta arqueologicamente uma importante atividade metalúrgica do final do século VIII a.C. Em Huelva se percebe a existência de uma eficiente e organizada produção metalúrgica. O forno do século VIII a.C., encontrado no solar número 6 na rua Puerto em Huelva possui 1,70 m de diâmetro, está construído em pedras de cal e pode-se verificar ardósia e seixos incluídos na construção.

O forno está orientado sentido sudoeste, orientação esta que permite a ventilação pelas correntes de ar dominantes para o processo de oxidação do chumbo. As pedras de cal não formam um círculo fechado, há uma abertura de 60 cm que permite a passagem do vento (FERNÁNDEZ JURADO; RUIZ MATA, 1985).

No que concerne a olaria, temos evidências da presença grega na atual cidade de Huelva, tradicionalmente compreendida enquanto área tartésica.

Arqueologicamente foram encontrados, em 1980, um conjunto cerâmico grego de período arcaico (6 taças, 1 cântaro, 3 tigelas, 1 lécana, 1 enócoa, dentre jarras, ânforas, crateras, lamparinas e terracotas) na cidade de Huelva (essa que voltaremos a comentar posteriormente). De acordo com o estudo intitulado *Producción de cerâmicas griegas arcaicas en Huelva* (2017) de Fernando González de Canales Cerisola e Jorge Llompart Gómez esses achados deram condições para se acreditar no estabelecimento de atividades gregas na

região. Inicialmente se acreditava que tratassem de importações, em que os fenícios seriam os intermediários. No entanto, o tom dessas produções chamou a atenção.

O que salta aos olhos sobre essa cerâmica é a tonalidade de sua pasta: de cor amarelo-esverdeada (Munsell entre 5Y7/2, 5Y7/3 e 5Y6/3), característica que causou estranheza por parte dos pesquisadores até ser comprovada por análises (difração por raio-X e ativação neutrônica) que se trata de uma produção realizada *in situ* dada a sua constituição mineralógica. A presença de metais nessas peças cerâmicas também se explica devido a riqueza mineral (argentífera e aurífera) dessa área da Ibéria, corroborando para a defesa da presença grega em área tradicionalmente considerada como tartésica, estimada, mediante as cerâmicas, como tendo se iniciado no século VII a.C. e cessado no VI a.C. É importante ressaltar que a implantação de olarias gregas não necessariamente implica a existência de uma colônia, tal como aconteceu em Náucratis, onde os ceramistas se valiam de argilas egípcias para seu fabrico. No entanto, cabe lembrar que esse achado vai de acordo com as descrições de Heródoto, citadas anteriormente, sobre a presença grega focieia em Tartessos.

Para Aubet os príncipes tartésicos, por volta do século VII a.C., enriqueceram com o comércio com Gádir uma vez que possuíam controle e acesso sob os recursos agrícolas e minerais. Essa nobreza, segundo a autora, também adotou uma série de práticas mortuárias orientais. Suas tumbas monumentais foram enriquecidas com marfim decorado, joias em ouro, vasos de prata e de bronze feitos, segundo a autora, especialmente para a nobreza tartésica. Essas sepulturas principescas podem ser atestadas arqueologicamente em La Joya, Carmona, Setefilla e La Aliseda (AUBET, 1999).

Eleftheria Pappa em seu artigo (2008-2009) afirma que os trabalhos em metal, encontrados em necrópoles indígenas do século VII-VI a.C., possuem caráter estritamente funerário, enquanto nos sítios fenícios esses objetos não possuem esse atributo. Pappa conclui interpretando esse uso como uma manifestação muito difundida de motivos e estilos fenícios o que indicaria uma série de mudanças ideológicas e sociais entre os tartésicos (PAPPA, 2008-2009).

A sociedade tartésica, até então, vinha sendo interpretada como um complexo sistema de hierarquias, capitaneadas por uma nobreza detentora dos

recursos agrícolas e minerais. Contudo a interpretação de Tartessos como fornecedora de recursos naturais para a sua transformação em bens de prestígio nas oficinas de Gádir nada mais é do que uma replicação de uma interpretação colonial moderna que obscurece o debate e impede o pesquisador de tentar compreender aspectos simbólicos muito mais profundos.

Díes Cusí afirma que a sociedade tartésica era formada fundamentalmente por grupos agropecuários, com uma evolução social e econômica suficientemente avançada para o desenvolvimento de uma atividade mineira e metalúrgica. Dessa maneira, o autor interpreta a chegada dos fenícios como fundamental para a inserção de novas técnicas de metalurgia. Considerando o domínio que essa cultura detinha no tratamento dos metais, o autor conclui que se trata de um fato que produziu interrelações necessárias e profundas para ambos os lados. Segundo Díes Cusí, os fenícios não teriam capacidade militar para se imporem pela violência e os tartésicos teriam o domínio dos recursos naturais do território. O caminho mais factível seria, portanto, a associação com a classe dirigente (DÍES CUSÍ, 2001).

Os templos

Será apenas no Período Orientalizante que se documentará estruturas de culto no mundo tartésico. Cancho Roano (Zalamea de la Serena) e El Carambolo (Sevilha) são alguns dos mais notórios santuários religiosos desse período. Ambos os edifícios se localizam sob promontórios e são considerados tanto como palácios como santuários (TORRES ORTIZ, 2014, p. 262; MUÑOZ FERNÁNDEZ, 2014). É prudente ressaltar que segundo Vaux (1997) o termo templo, *hekal*, tanto em hebreu quanto em fenício, tem o mesmo duplo sentido.

A localização dos santuários tartésicos respondem a dois tipos de estratégias: 1) ocupação de promontórios para controlar uma cidade associada (e.g., Carmona); e 2) isolamento na paisagem parecendo demarcar fronteiras entre as diferentes comunidades, que possivelmente se encontrariam nesses grandes centros para comercializar (e.g., Cancho Roano). Ambas as estratégias estariam estritamente relacionadas com características das divindades em proteger cidades e fiscalizar as trocas, gerando um ambiente sancionado e neutro, protegido sob os auspícios sagrados (CELESTINO, LÓPEZ-RUIZ, 2016).

Irene Minerva Muñoz Fernández em *Centros Comerciales en la Protohistoria Peninsular* (2014) interpreta esses centros como originários de uma necessidade por parte das elites locais em controlar o acesso das importações de objetos de prestígio. A autora entende que essas elites restringiam o acesso a esses produtos para preservar o seu domínio, tanto ideológico quanto econômico. Feito esse arranjo, intermediários seriam eliminados do processo de intercâmbio com agentes comerciais estrangeiros (2014).

Cancho Roano, construído sobre cabanas ovais, no início do Período Orientalizante é um edifício com aspecto palacial que, no entanto, conserva seu caráter sagrado. O edifício possui diferentes níveis de construções, cada vez maiores, até a fase final quando complexo foi intencionalmente incendiado, destruído e enterrado antes do seu abandono no século V a.C., depois de um curto período de atividade de um século (MUÑOZ FERNÁNDEZ, 2014).

O edifício em si possui diversos aspectos monumentais. Dentre eles, terraços de pedra, duas torres, uma muralha e um fosso que rodeava o complexo. Além de câmaras para os altares, havia também capelas de oferendas onde se depositavam ânforas tartésicas que, segundo Muñoz Fernández (2014), imitavam as formas fenícias. Sistemas ponderais, balanças e selos também foram descobertos no interior do edifício, fato que reforça a interpretação dessa autora (MUÑOZ FERNÁNDEZ, 2014; GARCÍA BELLIDO, 2013).

O enclave controlaria o fluxo comercial de um território que, hoje em dia, abarca, desde Onoba (Huelva) e Gádir (Cádiz) e sua posição de domínio na paisagem, faria do complexo de Cancho Roano um lugar centralizador tanto dos recursos agrícolas como os argentíferos e auríferos aluviais do interior (MUÑOZ FERNÁNDEZ, 2014).

Localizado no interior do sudoeste da Península Ibérica, o santuário de El Carambolo estaria nas proximidades do antigo *Lacus Ligustinus*, um golfo que adentrava a costa atlântica da atual Andaluzia pelo qual desembocava o rio Guadalquivir. Sobre seu contexto paleogeográfico afirma-se que sua posição frente à cidade de Spal, atual Sevilha, permitira um controle visual da área de desembocadura do rio assim como sobre as rotas mineiras (FERNÁNDEZ FLORES; RODRÍGUEZ AZOGUE, 2005).

Álvaro Fernández Flores e Araceli Rodríguez Azogue relatam, em *El complejo monumental el Carambolo* (2005), que foi em 1958, durante obras de infraestrutura e nivelção no terreno que era propriedade da Real Academia de Tiro del Pichón, que o Tesoro de El Carambolo foi descoberto (FERNÁNDEZ FLORES; RODRÍGUEZ AZOGUE, 2005). O processo de escavação começou no mesmo ano sob a supervisão do arqueólogo Juan da Mata Carriazo do Servicio Nacional de Excavaciones. Carriazo distinguiu quatro níveis de ocupação, a primeira remetendo à situação semelhante de Cancho Roano, assentada sob *fondos de cabañas*. Posteriormente numerosos conjuntos cerâmicos e metálicos de época proto-histórica também foram descobertos e adscritos como tartésicos (FERNÁNDEZ FLORES; RODRÍGUEZ AZOGUE, 2005).

No entanto, Antonio Blanco Freijero considerou os *fondos de cabañas* como lugares de culto, tais como os existentes no Egeu em época geométrica. María Eugenia Aubet em 1992, tentando reacender o debate sobre a interpretação de El Carambolo publicou o artigo *Maluquer y el Carambolo* (1993) (FERNÁNDEZ FLORES; RODRÍGUEZ AZOGUE, 2005).

Em 2002, houve novas intervenções arqueológicas que conseguiram identificar períodos que vão do século VIII a.C. à transição do VII ao VI a.C. O santuário se inicia no Orientalizante, já possuindo caráter monumental e a presença de altares em formato de couro de boi também é um dos indicativos de elementos não-locais. A partir desse momento, houve numerosas reformas até ser usado marginalmente, para realização de atividades artesanais, dada a presença de fornos e ser finalmente abandonado entre os séculos VII e VI a.C. (FERNÁNDEZ FLORES; RODRÍGUEZ AZOGUE, 2005).

Por fim, os autores afirmam que El Carambolo pode não corresponder a uma tradição autóctone, já que as primeiras construções não são anteriores ao século VIII a.C. El Carambolo seria de inspiração oriental e encontraria paralelo em Tell Taya, Tell Quasile, Lachish e Tell Kittan santuários do Bronze Médio ao Ferro (FERNÁNDEZ FLORES; RODRÍGUEZ AZOGUE).

Os autores vão além afirmando que El Carambolo poderia ter sido um santuário duplo. Buscando um paralelo, Fernández Flores e Rodríguez Azogue afirmam que em Emar (Tell Meskene) é possível identificar um santuário dedicado tanto à Baal-Hammon, ao sul, quanto Astarté ao norte, uma vez que

aparecem ex-votos dedicados à essa deusa. No entanto os autores afirmam que não teriam como afirmar que o santuário poderia ser também consagrado ao culto de para Baal-Hammon em El Carambolo, uma vez que faltam vestígios arqueológicos para tal (FERNÁNDEZ FLORES; RODRÍGUEZ AZOGUE, 2005).

Considerações finais

Para no darle mucha vuelta a la tortilla, compreendemos Tartessos não enquanto um império, ou uma nação com identidade étnica própria, mas sim como um horizonte cultural híbrido de difícil identificação. Apresentamos alguns marcadores identitários para o balizamento do debate, no entanto, admitimos que não há consenso entre os pesquisadores que se debruçam sobre essa temática. O que foi possível perceber é uma incontestável presença fenícia nas comunidades indígenas do Sul peninsular tocadas profundamente pelas tradições semíticas. Conforme Ana Margarida Arruda, em seu artigo intitulado *Do que falamos quando falamos de Tartessos?* (2013), é improvável que um amplo espaço como o Sudoeste peninsular partilhe de um conjunto de crenças, valores, tradições e uma memória comum, o que se constitui como indispensável para a formação de uma nação tartésica. Segundo a autora, Tartessos parece ser outra coisa se não uma criação exo-étnica criada por gregos e romanos para uma realidade muito mais diversificada. Seus próprios limites territoriais são difíceis de traçar uma vez que atribuir uma etiqueta étnica a uma materialidade tão diversa encontrada no registro arqueológico envolve consideráveis riscos (ARRUDA, 2013). Quiçá, como sugere a autora, tenhamos que assumir a necessidade de dessacralizar Tartessos assim como consideramos importante não utilizar a suposta identidade tartésica como *argumentum ad nauseam* para se explicar processos complexos de contato, interação e ressignificação que ocorreram no interior das numerosas culturas assentadas por toda a Península Ibérica.

Referências bibliográficas

ANACREON. *Greek Lyrics*, Volume II: Anacreon, Anacreontea, Choral Lyric from Olympus to Alcman. Tradução de David A. Campbell. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

- APPIAN. *The Roman History*. Tradução de Brian McGing. Cambridge: Harvard University Press, 1912.
- ARRUDA, Ana Margarida. Do que falamos quando falamos em Tartesso. In: CAMPOS, Juan; ALVAR, Jaime (eds.). *Tarteso. El emporio del metal*. Córdoba: Almuzara, 2013. p. 211-222.
- AUBET, María Eugenia. *The Phoenicians and the West: Politics, Colonies and Trade*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María. Fuentes griegas y romanas referentes a Tartessos. In: MALUQUER DE MOTES, Juan (Org.). *Tartessos y sus problemas. V Symposium internacional de prehistoria Peninsular*. Jerez de la Frontera. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1969, p. 91-110.
- BOSCH-GIMPERA, Pere. *Prehistoria de Europa. Las raíces prehistóricas de las culturas de Europa*. Madrid: Editora Istmo, 1975.
- BUNBURY, Edward. *A History of Ancient Geography: Among the Greeks and Romans. From the Earliest Ages till Fall of the Roman Empire*, v. 1, John Murray: London, 1879.
- BUXÓ, Ramon. The agricultural consequences of colonial contacts on the Iberian Peninsula in the first millennium B.C. *Vegetation History and Archaeobotany*, Wilhelmshaven v. 17, p. 145-154, 2008.
- CANALES CERISOLA, Fernando González; LLOMPART, Gómez Jorge. Producción de cerámicas griegas arcaicas en Huelva. *Archivo Español de Arqueología*, n. 90, p. 125-145, 2017.
- DÍES CUSÍ, Enrique. La influencia de la arquitectura fenicia en las arquitecturas indígenas de la Península Ibérica (S.VIII-VII). In: RUIZ MATA, Diego; CELESTINO PÉREZ Sebastián. (eds.) *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: Centro de Estudios del Próximo Oriente y CSIC, 2001, p.69-120.
- DIETLER, Michael.; LÓPEZ-RUIZ, Carolina. *Colonial Encounters in Ancient Iberia*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.
- FERNÁNDEZ FLORES, Álvaro; RODRÍGUEZ AZOGUE, Araceli. El complejo monumental del Carambolo Alto, Camas (Sevilla). Un santuario Orientalizante en la Paleodesembocadura del Guadalquivir. *Trabajos de Prehistoria*, v. 62, n. 1, p. 111-138, 2005.
- FERNÁNDEZ JURADO, Jesús ; RUIZ MATA, Diego. La metalurgia de la plata en época tartésica em Huelva. *Pyrenaa: revista de prehistòria I antiguitat de la Mediterrànea Occidental*, n. 21, p. 23-44, 1985.
- GARCÍA BELLIDO, María Paz. Los sistemas ponderales en el mundo púnico de Iberia e Ibiza. Museu Arqueològic D'Eivissa I Formentera. In: COSTA, Benjamí (Org.). *La moneda y su papel en las sociedades fenicio-púnica*, n. 68, 2013, p. 35-60.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco. De Turdetania a Baetica: la imagen de una región paradigmática en la literatura grecolatina. In: BELTRÁN LLORIS,

Francisco. (Ed.). *Antiqua Iuniora: en torno al Mediterráneo en la Antigüedad*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2004, p. 111-123.

HECATAEI. *Fragmenta. Scylacis Caryandensis Periplus*. Editado por Rud. Henr. Klausen. Berolini: Reimeri, 1831.

HERODOTUS. *The Histories*. Tradução de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Jaa. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

LIMA, Rodrigo Araújo de. The Phoenician-Punic House. *Caiete ARA*, Bucareste, n. 7, p. 249-259, 2016.

_____. As Colunas de Héracles/Melqart no Final da Idade do Bronze: O uso do SIG na compreensão da expansão fenícia em território tartésico a partir de Gádir (Séculos IX ao VI a.C.). Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón; ALMAGRO BASCH, Martín; GARCÍA Y BELLIDO, Antonio. *Historia de España. La España de las invasiones célticas y el mundo de las colonizaciones v. 2*. Madrid: Espasa-Calpe, 1952.

MUÑOZ FERNÁNDEZ, Irene. Centros comerciales en la Protohistoria Peninsular. In: CERRO LINARES, Carmen; ALONSO MORENO, Claudia; GONZÁLEZ HERRERO, Oihane; PER GIMENO, Laura; QUIÑONES DE LEÓN, María Soledad Milán; ELICES OCÓN, Jorge; MYSŁOWSKA, Anna; VIANA GUTIÉRREZ, Alicia (eds.) *Economías, comercio y relaciones internacionales en el Mundo Antiguo*. Universidad Autónoma de Madrid: Madrid. 2014, p. 129-145.

PAPPA, Eleftheria. Reflections on the Earliest Phoenician Presence in North-West Africa. *Talanta*, v. 40-41, p. 53-72, 2008-2009.

PELLICER CATALÁN, Manuel. Historiografía tartésica. *Habis*, v. 7, p. 229-240, 1976.

PERICOT, Luis. Schulten y Tartessos. In: MALUQUER DE MOTES, Juan. *Tartessos y sus problemas. V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*. Universidad de Barcelona: Barcelona, 1969, p. 63-74.

RODRIGUES, Adriano Vasco. *Arqueologia da Península Hispânica: Do Paleolítico e Romanização*. Porto: Porto Editora, 1961.

SALLUST. *Fragment Historicum Graecorum*. Tradução de Karl Müller, Victor Langlois, Theoder Müller e M. Letronne. Paris: Ambrosio Firmin Didot, 1841-1872.

SÁNCHEZ-MORENO, Eduardo; DOMÍNGUEZ MONEDERO, Asolfo; GÓMEZ-PANTOJA, Joaquín. (eds.). *Protohistoria y Antigüedad de la Península Ibérica. Las Fuentes y la Iberia Colonial*, v. 1. Madrid: Sílex Ediciones, 2008.

SANTOS, Irmina Doneux. *A Lusitania e a Iberia: Um estudo da mudança na urbanização pré e pós-romanização (da pré-conquista romana ao Baixo Império – Século II a.C. a V d.C.)*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SCHULTEN, Adolf. *Tartessos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1945.

TORRES ORTIZ, Mariano. Taršiš, Tartessos, Turdetania. In: ALMAGRO GORBEA, Martín. *Protohistoria de la Península Ibérica: Del Neolítico a la Romanización*. Burgos: Universidad de Burgos, 2014, p. 251-283.

_____. *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2002.

TREUMANN, Brigitte. Phoenicians in Spain. Phoenicians in Spain. *Biblical Archaeologists*, v. 55, n. 1, p. 28-35, 1992.

VIEIRA, Pachón; MANZANO AGUGLIANO, Francisco. Interpretación 3D del barrio fenicio de Doña Blanca (*Puerto de Santa María, Cadiz*). In: *Actas del XVII Congreso Internacional de Ingeniería Gráfica*. Sevilla: Universidad de Almería, Sem páginação, 2005.

VILLAR, Francisco. Los nombres de Tartessos. *Habis*. Sevilla, v. 26, p. 243-270, 1995.

WAGNER, Carlos González. Las sociedades autóctonas del sur peninsular en el tránsito del bronce final de al hierro. El impacto del “orientalizante”: una perspectiva teórica. *Mayurqa*, v. 31, p. 183-209, 2006.

_____. *Tartessos: Mito e História*. CEFYP. 2014.